

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FaE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI

ARITANA BRAZ BONFIM

RETOMANDO A VIDA:
O CASO DE DESLOCAMENTOS DE UMA FAMÍLIA PATAXÓ

Belo Horizonte

2017

ARITANA BRAZ BONFIM

RETOMANDO A VIDA:

O CASO DE DESLOCAMENTOS DE UMA FAMÍLIA PATAXÓ

Percurso acadêmico apresentado ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais e Humanidade.

Orientador: Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Co-orientador: Guilherme Marinho Miranda

Belo Horizonte

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este presente trabalho primeiramente a Deus, por me garantir mais uma conquista em minha vida, também a minha família em especial ao meu esposo Burianan Ferreira Sena e meu querido e amado filho Awari Ravi Braz Ferreira Sena, que são pessoas muito especiais que fazem parte da minha vida.

À família de Seu José e Dona Ana que também são importantes para mim, e que me ajudou com minha pesquisa, colaborando e contando um pouco da trajetória de vida da família para poder está aqui registrado nesse meu percurso.

Muito obrigados a todos!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar da minha vida agradeço ao meu grande Deus por ter me dado muitas forças para ter chegado até aqui, pois sei que nos momentos que mais precisei eu sei que estava comigo, nas tristezas, em momentos de angústias que pensamos que não vamos conseguir mas sempre há alguém pra nos dar força e também nos momentos felizes da minha vida sei que estava ao meu lado sempre me fortalecendo para eu conseguir vencer mais um obstáculo que a vida nos proporciona.

Quero também deixar meu grande agradecimento a minha família que sempre me incentivou, mesmo eu sem ânimo nenhum, foram eles meus maiores incentivadores, principalmente a minha irmã Arissana Braz Bonfim de Souza que me ajudou muito nesse trabalho. Ao meu pai Wilson Garcia do Bonfim e minha mãe Cremilda Braz Bonfim meus grandes exemplos de vida.

Agradeço também ao meu amado e querido esposo Burianan Ferreira Sena por ter muita paciência durante esses quatro anos nos períodos que eu ficava longe de casa, e também por ter me dado durante esse período de estudo na universidade meu maior tesouro um presente e mais um sonho realizado meu filho Awari Ravi. Agradeço muito a Deus por ter vocês dois ao meu lado.

Não posso esquecer também de deixar meu grande agradecimento à família de Seu José e Dona Ana pela colaboração nessa pesquisa, pois sem eles o meu trabalho não teria sido concluído. Meu muito obrigado pelas entrevistas, pelas conversas e por ter aceitado que fosse escrito um pouquinho de sua história na minha pesquisa. Sei que não foi fácil, então meu muito obrigado a vocês que fazem parte da minha vida também.

A família de Anairan minha prima que me hospedou em sua casa durante os intermódulos em Barra Velha, muito obrigada por ser tão acolhedora.

Gostaria de agradecer a toda equipe do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) por ter dado essa oportunidade para nós indígenas de podermos ter

ingressado na universidade. E que possamos contribuir com todo esse conhecimento adquirido em nossa comunidade.

Agradeço a todos os professores do FIEI, principalmente ao professor Paulo Maia pelos seus conhecimentos passados para nós, pela paciência para ensinar a nossa turma de Ciências Sociais e Humanidade. E o meu grande agradecimento também ao meu professor e orientador Edgar Barbosa Neto na orientação desse trabalho, pois sei que ajudou e contribuiu bastante nas orientações do meu trabalho de pesquisa. Ao meu co-orientador Guilherme Marinho que também deu sua grande contribuição nessa minha pesquisa.

Enfim agradeço a todos que fizeram parte dessas minhas trajetórias, as lideranças indígenas Pataxó e Xacriabá que sempre estavam prontos pra nos ajudar nos momentos difíceis longe da aldeia. Agradeço a toda turma CSH (Ciências Sociais e Humanidades) por ter passado esses quatro anos juntos, anos que passaram muito rápido, porém de muitos conhecimentos adquiridos. Às minhas colegas, em especial a Edleuza, Maria, Rosangela, Iraia, Kaline, Roberta, Sirleide e Zilda, valeu a pena ter passado esse momento único com todas vocês na realização de mais um sonho de minha vida.

RESUMO

Neste presente trabalho analiso o processo de migração do povo pataxó para a aldeia de Coroa Vermelha, a partir do caso de uma família Pataxó. Descrevo a história de vida de Seu José e Dona Ana que foi realizado através de entrevistas, conversas e observação participante no convívio com a família. Abordo as lutas e um pouco do que viveu em cada lugar que passaram, e também relato como está à vida da família hoje, que atualmente reside numa recente área de retomada que deram o nome de Aldeia Mirapé.

Palavra-chave: deslocamentos, migração, Pataxó, Coroa Vermelha.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa do Território de Coroa Vermelha.....	19
Imagem 1 : Sr. José produzindo artesanatos.....	24
Imagem 2 - Dona Ana produzindo artesanatos.....	25
Imagem 4 : Entrada da Aldeia Mirapé.....	34
Imagem 5: Mapa da Aldeia Mirapé (criado por Aritana Braz)	35
Imagem 3: Caixa d'água que abastece a Aldeia Mirapé.....	37
Imagem 4: Artesanatos produzidos pelo Sr. José.....	38
Imagem 5: Casa da Família de Dona Ana e Sr. José e construção da nova casa, ao fundo.....	40

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Lista de Imagens.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo 1 – MIGRAÇÃO PATAXÓ	11
1.1 Deslocamentos e dispersão do povo Pataxó no passado.....	11
1.2 Deslocamentos do povo Pataxó hoje.....	14
1.3 O crescimento da população Pataxó em Coroa Vermelha	19
Capítulo 2 – MIGRAÇÃO DE UMA FAMÍLIA PATAXÓ.....	23
2.1 A busca pela história da família.....	23
2.2 Uma das minhas conversas com seu José.....	27
2.3 De aldeia em aldeia.....	29
2.4 Na Aldeia Coroa Vermelha.....	31
2.5 Retomando a vida na Aldeia Mirapé	34
2.6 Na casa de Dona Ana e Seu José.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analiso o processo de deslocamentos de uma família Pataxó que viveu na Aldeia Coroa Vermelha por mais de 20 anos, e que antes de chegar a Aldeia Coroa Vermelha viveu em duas aldeias de diferentes municípios e hoje vive na Aldeia Mirapé, uma área que está localizada no município de Porto Seguro-BA e que faz divisa com a Aldeia Pataxó da Jaqueira, distante 7 km da Aldeia de Coroa Vermelha.

A Aldeia Coroa Vermelha é uma área indígena do povo pataxó que foi demarcada como terra indígena em abril de 1998, e a partir deste período houve um crescimento muito grande da população indígena na Aldeia de Coroa Vermelha. De acordo com SAMPAIO (1997) até o ano de 1997, apenas cerca de mil indígenas moravam na Aldeia Coroa Vermelha. Anos após anos, a população da aldeia foi crescendo, as famílias foram se multiplicando e também várias famílias Pataxó vieram de outras aldeias.

A Aldeia Coroa Vermelha está localizada na Bahia entre o município de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, e possui muitas casas, lojas e comércios. É muito visitada durante o ano todo por turistas de vários lugares do mundo e por ter praias bonitas. Muitos vão conhecer o povo Pataxó. A Terra Indígena de Coroa Vermelha está dividida com duas glebas: a gleba A onde está localizada a parte turística e a gleba B com uma parte que serve de agricultura para alguns indígenas que vivem de plantações e outra na qual esta a área de preservação ambiental e afirmação cultural, lugar chamado no presente de Aldeia Pataxó da Jaqueira.

Observando o processo constante de deslocamentos de algumas famílias Pataxó, surgiu a curiosidade e o interesse de entender quais as razões que levaram muitas dessas famílias Pataxó a saírem de uma aldeia e se fixar em outra, nesse caso a Aldeia Coroa Vermelha. Nessa minha pesquisa pretendo compreender por que muitas famílias de outras aldeias do povo Pataxó migraram para aldeia de Coroa Vermelha nos últimos 15 anos, a partir do caso de uma família Pataxó.

Decidi pesquisar somente uma família Pataxó, e como referência escolhi a família de Seu José e Dona Ana por ter mais facilidade de contato para o desenvolvimento da pesquisa, por ser a família do meu esposo e ter mais proximidade com ela. E também porque tinha a curiosidade de conhecer a história da família e compreender a trajetória de vida deles, por

saber que percorreram e moraram em quatro lugares diferentes: Aldeia Trevo do Parque, localizada no município de Itamarajú, Aldeia Guaxuma, localizada no município de Porto Seguro, Aldeia Coroa Vermelha localizada em Santa Cruz Cabrália. Hoje moram na Aldeia Mirapé localizada no município de Porto Seguro. Procurei pesquisar os locais que a família morou até a chegada à Aldeia Mirapé e como vivem atualmente.

Conheci a família de Dona Ana e Seu José através do meu esposo, quando nos conhecemos e começamos a namorar no ano de 2011. Conheci meu esposo Burianan filho de Dona Ana e Seu José na Aldeia Pataxó da Jaqueira, lugar para o qual, todos os dias, iam alguns jovens de Coroa Vermelha, com o objetivo de ajudar no trabalho de afirmação cultural e preservação do meio ambiente.

Passados três anos de namoro decidimos casar e formar nossa família. A partir do momento que me casei, em março de 2013, foi onde passei a conhecer melhor sua família. Fui morar bem próximo deles na mesma Rua em Coroa Vermelha. Depois de quase um ano morando perto deles, eles decidiram ir morar na Aldeia Mirapé no ano de 2014.

Na Aldeia Mirapé, por ser mais longe, vou visitá-los uma ou duas vezes na semana. Este meu trabalho também contribuiu pra eu conhecer melhor a história da família, a parte da vida deles que eu não conhecia, os lugares em que haviam morado. Para mim foi muito interessante deixar registrado a história de vida deles.

Pesquisar sobre o tema proposto é buscar entender e descrever os motivos que levaram a família de Seu José e Dona Ana a se deslocar de uma aldeia para outra, em busca de melhores condições de sustentabilidade econômicas, saúde, família, educação ou para terem a oportunidade de comercializar melhor o artesanato.

A partir dessa família procurei identificar alguns dos possíveis motivos da migração de uma família Pataxó, e aquilo que a atraía até outras aldeias Pataxó. Acredito que com esse meu estudo posso esclarecer alguns motivos que levaram algumas famílias a migrarem para Aldeia Coroa Vermelha.

Realizei esse trabalho buscando informações em textos sobre o tema, fazendo leituras, através de entrevista com Dona Ana e conversas com Seu José em sua casa na Aldeia Mirapé, de parentes e também de outras famílias Pataxó. E também através da observação

participante, no convívio com a “historia de vida da família”. Passei a observar a família com outro olhar, um olhar de pesquisadora.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo escrevo sobre a migração pataxó, abordo um pouco sobre deslocamentos e dispersão do povo Pataxó no passado, e falo também dos deslocamentos do povo pataxó hoje e o crescimento da população pataxó na Aldeia Coroa Vermelha. No segundo e último capítulo descrevo a migração de uma família pataxó, falando sobre como foi à busca pela história da família de Dona Ana e Seu José. Falo também das aldeias em que moraram, principalmente em Coroa vermelha, até chegar a Aldeia Mirapé onde estão retomando a vida.

CAPÍTULO 1

MIGRAÇÃO PATAXÓ

Neste primeiro capítulo apresento um pouco a ocupação territorial do povo Pataxó no passado e abordo um pouco sobre a dispersão causada pelo Fogo de 51, que também contribuiu para formação de novas aldeias do povo Pataxó. Aqui falo também como está sendo essa migração hoje do povo Pataxó e se as famílias costumam ainda se deslocar de um lugar para o outro. Também descrevo o processo de migração Pataxó para a aldeia de Coroa Vermelha.

1.1 DESLOCAMENTOS E DISPERSÃO DO POVO PATAXÓ NO PASSADO

A migração é um processo que acontece desde tempos imemoriais e até mesmo a vejo nas conversas dos mais velhos da aldeia, quando contam que o índio não tem lugar certo para morar, às vezes está aqui, outra hora está em outro lugar. Ouvi também essa frase numa das entrevistas que fiz com Dona Ana, no dia 20 julho de 2016, na qual ela disse: *“Meu pai toda vida foi assim, mora aqui, outra hora tava no outro canto. Mas só que onde passava, ele deixava uma roça uma casa...”*

O povo Pataxó sempre teve esse hábito de viver migrando de um lugar para outro no território, sempre a procura de melhores lugares com abundância em caça, pesca e de frutos da floresta. Isso significa que o território ocupado pelo povo Pataxó sempre foi muito grande. Segundo Sampaio e Carvalho (1992), o povo Pataxó vivia na região entre o rio de Porto Seguro e a margem norte do rio de São Mateus. Sempre eram vistos por moradores do Prado-BA. Ali eles trocavam seus arcos, ceras de abelha por ferramentas e em seguida retornavam para a floresta, o que indica que éramos um povo que percorria um amplo território, e que estava sempre se deslocando em grupos familiares, vivendo da caça de animais, coletas de frutos da mata e dos manguezais no litoral no extremo sul da Bahia.

Ainda de acordo com Sampaio e Carvalho (1992), os Pataxó eram considerados bons lutadores nas guerras, pois dominavam muito bem o arco e flecha. Os seus inimigos eram os

botocudos, um povo que também permanecia nessa região no século XIX. Segundo os autores, o povo Maxacali, que também andava nessa região, era aliado do povo Pataxó, e por isso há muitas coincidências na cultura e na língua.

O povo Pataxó viveu assim, durante muitos e muitos anos, por todo esse território, até serem obrigados a viver confinado, cercado por muitas fazendas numa área do entorno do Monte Pascoal e assim, dessa pequena área, tirar seus próprios sustentos. Impedido de se deslocar como antes, foi forçado a ter outros hábitos e costumes e já não tinha mais a liberdade de antes.

Na década de 40, com a implantação do Parque Nacional sobre o território Pataxó, as famílias foram impedidas de caçar e de fazer suas roças e plantações, agravando-se então a luta pela sobrevivência e resistência do povo Pataxó.

Diante desse conflito, os mais velhos relatam que, na década de 50, o povo Pataxó sofreu com um massacre. Os Pataxó foram iludidos por duas pessoas que chegaram à Aldeia Barra Velha dizendo que queriam ajudar e que estavam ali para medir as terras, que pretendiam demarcar o território. Um dizia ser engenheiro, o outro, tenente (OLIVEIRA, 1985). O povo Pataxó, acreditando nessas duas pessoas, pensando que eram boas, acabou sendo enganado e iludido.

Os dois visitantes realizaram um assalto a um comércio num povoado que fica perto da aldeia, lugar chamado de Corumbau, e obrigaram os Pataxó a levarem a mercadoria até a aldeia, e com isso o assalto caiu sobre os Pataxó. E isso provocou um grande conflito que gerou muita violência naquela época e destruição da Aldeia Barra Velha. Policiais do município de Porto Seguro-BA e do Prado-BA atiraram contra a aldeia, e os Pataxó, sem saber o que estava acontecendo, corriam para se defender, mas mesmo assim foram violentados pelos policiais.

As casas foram incendiadas, as roças foram destruídas, as mulheres foram abusadas, homens espancados, crianças e idosos sofreram com muita violência. Os mais velhos, que na época eram jovens e vivenciaram os fatos, hoje não gostam nem de lembrar desse episódio, pois ficou marcado para quem viveu e para o povo Pataxó.

Naquele massacre, os Pataxó foram se espalhando e correndo pelas matas em busca de refúgio. Muitos foram parar em fazendas, outros foram para as cidades próximas. Famílias

foram dividas e muitos ficaram escondidos na floresta por dias, até aquele conflito acabar. Foram dias de sofrimento e de violência que duram até hoje na memória do povo Pataxó, gerado pela inocência de um povo querendo apenas o direito ao seu território.

Este episódio, reprimido por forte aparato policial, dá origem a uma primeira dispersão dos índios aldeados em Barra Velha, muitos dos quais buscam trabalho nas fazendas da região. (SAMPAIO e CARVALHO, 1992, p.6).

Muitos até hoje não retornaram para Aldeia Barra Velha e preferiram fazer moradas nas pequenas cidades próximas, mas outros retornaram e com muita luta conseguiram construir aos poucos sua vida novamente naquele lugar que deixou muitas marcas de violência. Outros, que também não retornaram, foram se juntando a outras famílias Pataxó, que já moravam em outras regiões no entorno do Monte Pascoal, e assim, com a aglomeração dessas famílias, criando outras aldeias, pois voltar para Aldeia Barra Velha, pela lembrança de tanto sofrimento, seria muito ruim. Com medo de voltar, preferiram recomeçar a vida em outros lugares, para os quais iam em busca de refúgio, de um lugar seguro e de novas terras para viver.

Depois do fogo, os pataxós tiveram que recomeçar a vida. Com receio de voltar à Barra Velha, a maioria, sem destino, perambulava por roças, fazendas, povoados e, também, cidades da região, tais como Alcobaça, Caravelas, Prado e Itamarajú, nas quais algumas famílias vivem ainda, nos dias atuais. A trajetória percorrida por Dona Izabel e sua Família nos traz um pouco do que foi essa vida de fuga: depois que saiu do Rio Gibura, foi para a Carrola, um lugar que era do seu sogro, o Vói Anjo; depois foi para outro lugar, lugar perto do Rio de Corumbau, conhecido como Champrão; de lá foi para o Arraial d'Ajuda; depois de morar alguns anos no Arraial d'Ajuda foi para Camacã, de onde retornou à Barra Velha (morando num lugar conhecido como Porto Palha); de Barra Velha saiu e veio para Coroa Vermelha, onde está há dez anos. (SOUZA, 2012, p.239)

O massacre de 51 foi também um dos motivos que levou algumas famílias Pataxós a se deslocarem por muitos lugares do extremo sul da Bahia, formando outras aldeias Pataxó. Muitos Pataxó, para garantir o seu sustento, tiveram que trabalhar em fazendas, escondendo sua própria identidade por um bom tempo, com receio de sofrerem novamente.

1.2. DESLOCAMENTOS DO POVO PATAXÓ HOJE

Atualmente acredito que o povo Pataxó continua ainda, de tempo em tempo, com seus mesmos hábitos do passado. Algumas famílias sempre costumam sair de uma aldeia para a outra, sempre estão em busca de novos lugares, e isso por muitos motivos. Às vezes é por motivo familiar, em busca de continuar os estudos, buscando melhoria de vida ou mesmo porque algumas famílias gostam mesmo de se deslocar de um lugar para outro. Mas existem também casos de famílias que nunca saíram de sua aldeia, ou seja, do lugar em que nasceram e também não tem interesse de sair, por estarem muito apegadas a esse lugar em que nasceram e viveram uma vida inteira.

Alguns dos motivos que hoje também contribuem para as famílias mudarem de localidade são as retomadas. Através delas vão criando novas aldeias, e muitos indígenas mudam para esses lugares. Nos movimentos das retomadas, as famílias vão construindo suas barracas e aderindo ao local e ali alguns permanecem até formar uma aldeia demarcada, ou até mesmo com a terra não sendo demarcada passam a viver ali. Mas há outras que acabam saindo da retomada, voltando para a aldeia de onde vieram.

Foi o caso da família com a qual eu pesquisei, de Seu José e Dona Ana Maria. Eles saíram da Aldeia Coroa Vermelha, mudaram para uma área de retomada, construíram suas barracas improvisadas e até hoje permanecem nessa área, que recebeu o nome de Aldeia Mirapé. Trata-se de uma área que não é demarcada como Terra Indígena, mas é uma área que há muito tempo é utilizada pelo povo Pataxó como moradia e local de coletas de frutos e sementes para produção de artesanato. As famílias que moram nessa área já sofreram e sofrem com ameaça judicial de serem retiradas a qualquer momento juntamente com outras famílias que também residem aí.

Muitas famílias mudam por motivos familiares. Esse processo migratório também é um grande contribuinte para aumentar a população de uma aldeia. Às vezes a família mora em uma determinada aldeia e seu parente mora em outra, então isso acaba incentivando seus familiares a se mudarem de uma aldeia para outra. Por essa razão a questão familiar torna-se também um dos principais motivos de migração entre o povo Pataxó. As pessoas buscam melhores condições de vida morando perto da família.

Conversando com uma idosa na Aldeia Coroa Vermelha pude observar em sua fala a importância que tinha a família pra ela, me contou que não tinha vontade e nem interesse nenhum de voltar pra sua aldeia onde nasceu, que seria Barra Velha. Só iria retornar pra lá se seus irmãos tivessem vivos e se ainda tivessem morando lá, aí sim ela teria vontade de morar e viver lá, por causa dos irmãos. Então pude observar que entre povo Pataxó a questão de ir morar em determinado lugar em função de um parente também é um motivo para mudar de um lugar para outro.

Existem outros casos que fazem os Pataxó se deslocar, como a busca por condições melhores de vida. Há famílias que saem de uma aldeia para outra à procura de um lugar melhor para viver buscando uma aldeia que tem facilidade no acesso à saúde, à educação e à própria sustentabilidade da família, pois existem muitas aldeias ainda que não têm esses benefícios que garantem um bom viver para uma família. A exemplo da Aldeia Trevo do Parque, que não teve a oportunidade de conhecer, mais ouvi Seu José até hoje dizendo que lá a vida é muito difícil ainda. Ele visita sua mãe que mora lá e fala que há alguns de seus parentes que vêm para Aldeia Coroa Vermelha vender artesanatos e depois retornam, por lá ser muito difícil para a venda do artesanato.

As aldeias próximas à cidade se tornam também um grande atrativo para algumas famílias, pois, para muitos, na cidade tem mais oportunidades de conseguir um emprego. Há hoje muitos indígenas que trabalham em hotéis, supermercados, nas escolas, no posto de saúde, em lojas das cidades que ficam próximas às aldeias.

Por outro lado, há muitas famílias Pataxó que sobrevivem ainda do artesanato e este acaba também sendo um motivo para se deslocar de um lugar para outro, para que possam comercializar melhor. O exemplo da família de Claudio e Silvana. Numa tarde, no dia 18 de agosto de 2016, na casa de Dona Ana e Seu José, estávamos sentados embaixo de uma árvore chamada de pororoca, localizada em seu quintal, Seu José fazia arcos e Dona Ana, junto com ele, enfeitava com pena palitos de cabelo. Em seguida, após algumas conversas, chegam Claudio e Silvana, que havia pouco tempo que estavam morando na Aldeia Mirapé.

Claudio e Silvana tinham vindo da Aldeia Barra Velha e moravam em um lugar chamado Porto do Boi. Passamos a tarde ali conversando e em meios às conversas tive a oportunidade de perguntar a Silvana o motivo que os fizeram sair e lá e se deslocarem para Aldeia Mirapé. De acordo com Silvana, ela disse lá é um lugar um pouco distante da Aldeia

Barra Velha, mas que não deixa de fazer parte da aldeia e que para sua família sobreviver do artesanato estava muito difícil.

Claudio, esposo de Silvana, contou que às vezes ele vinha vender artesanatos em Arraial D´ajuda, lugar que pertence ao município de Porto Seguro, para conseguir o sustento da família oferecendo aos turistas na praia. Ele vinha pela manhã e voltava ao anoitecer. Para eles que vivem da venda dos artesanatos para os turistas, a Aldeia Mirapé fica mais próximo a Porto Seguro e há turista o ano todo. Vi durante as minhas idas à Aldeia Mirapé, por muitas vezes, Claudio e seus quatro filhos sempre todos trajados com tanga e cocar indo para a praia com artesanatos nas mãos, cada um carregando o que pode para oferecer aos turistas na praia.

Desses movimentos migratórios do povo pataxó surgiram muitas aldeias no extremo sul da Bahia e até mesmo no estado de Minas Gerais, tal como SOUZA (2015) afirma no relato de um indígena que migrou para Minas Gerais:

Em uma tarde fria do mês de julho, eu acompanhava um antigo chefe local da Reserva Indígena Fazenda Guarani, buscando ajudá-lo a arrancar folhas de tucum para fazer cordas para seus artesanatos, quando estabelecemos uma ampla conversação. Nessa tarde, este chefe me relatou boa parte de sua história, quando ainda vivia na aldeia Barra Velha (BA). Fome, falta de assistência à saúde, parentes desaparecidos, pouquíssimas opções de trabalho que se resumiam à venda de artesanato, trabalho quase escravo nas fazendas de cacau ou cidades vizinhas e poucas índias para casar, tudo isso compunha o quadro desolador esboçado por meu interlocutor. Ele mesmo já havia saído várias vezes da aldeia para buscar trabalho nas fazendas vizinhas, bem como em outras cidades no estado da Bahia, o que era bastante recorrente (SOUZA, 2015, p. 53)

Por essas e outras razões, alguns Pataxó chegaram ao estado de Minas Gerais, onde muitos até hoje ainda moram, enquanto outras famílias, por sua vez, retornaram para a Bahia. Durante minha pesquisa, em fevereiro de 2017, eu tive a oportunidade de ouvir um pouco da história de Cesar, mais conhecido como Txai, morador da Aldeia Mirapé; Ele me contou como foi a sua mudança de um estado a outro. Disse que não foi fácil sair da Aldeia Barra Velha na Bahia e se deslocar com a família para o estado de Minas Gerais, para um lugar chamado Fazenda Guarani localizada no município de Carmésia que na época, segundo ele, já era uma aldeia. Contou-me que na época era pequeno mais se lembra de tudo, pois foi muito difícil para ele e a família se adaptarem ao novo lugar. O clima era diferente, a comida era diferente e, por muitas vezes no final de ano, seu pai vinha para a Aldeia Barra Velha na Bahia buscar farinha para a família, pois, para eles, a farinha da Aldeia Barra Velha era bem melhor.

Ele contou que viveram no estado de Minas Gerais por muito tempo, e aos poucos iam se acostumando ao lugar. E então ele cresceu, formou uma família e decidiram voltar para a Bahia, mudar para Aldeia Mirapé, porque, para eles, lá as coisas começaram a ficar muito difíceis e seu pai e sua mãe já haviam saído de lá e estavam morando também na Aldeia Mirapé. Decidiu então que também deveria vir embora com sua família, e atualmente é professor de uma turma de 4 a 5 anos na Aldeia Mirapé.

Perguntei se tinha interesse de se mudar dali e retornar a Minas Gerais e ele disse que não, mas, caso fosse preciso mudar, ele mudaria. Porém, desse território aqui mesmo, não sairia para outro estado. Finalizando nossa conversa ele fala que acha que o Pataxó é assim mesmo, gosta de procurar lugar novo para morar. Se ele vai para um lugar do qual não gosta, ele torna a mudar de novo e assim vai sempre mudando de um lugar para outro.

Busco demonstrar que, apesar das vicissitudes enfrentadas, a maioria dos Pataxó permaneceu em Minas Gerais. Dificuldades como a distância dos parentes que permaneceram na Bahia, a ausência das iguarias típicas às quais eram acostumados a fruir, o tratamento nada amistoso recebido em Minas Gerais, a distância do Mar e do Mangue não impossibilitaram os Pataxó de se fixarem no estado de Minas Gerais. Certamente, nem todos permaneceram, mas uma boa parte daqueles que conheceram Minas Gerais aí se fixou. (SOUZA, 2015, p.51)

Cezar saiu da Aldeia Barra Velha (BA) e foi com a família para a Fazenda Guarani (MG) e lá morou por um bom tempo, depois retornando para Bahia e para Aldeia Mirapé. E assim o povo pataxó se espalhou distribuindo-se pelo extremo sul da Bahia e pelo estado de Minas Gerais. Como afirma BONFIM:

O povo Pataxó hoje vive no extremo Sul da Bahia, distribuídos em 36 aldeias, pertencentes aos municípios de Porto Seguro (Aldeias: Juerana, Aldeia Velha, Imbiriba, Xandó, Bujigão, Barra Velha, Pará, Campo do Boi, Meio da Mata, Boca da Mata, Cassiana, Pé do Monte, Jitaí, Guaxuma e Aldeia Nova); Stª Cruz Cabralia (Aldeias: Coroa Vermelha, Aroeira, Mata Medonha, Nova Coroa); Prado (Aldeias: Tawá, Cravero, Águas Belas, Corumbauzinho, Cahy, Alegria Nova, Monte Dourado, Maturembá, Tibá e Pequi); Itamaraju (Aldeia Trevo do Parque) e também nos municípios de Carmésia (Fazenda Guarani: Sede, Retirinho, Imbiruçu) Arassuaí (Aldeia Cinta Vermelha Jundiba), Açucena (Aldeia Jeru Tukumã) e Itapecerica (Aldeia Moãmimati) em Minas Gerais, que se deslocou para lá a partir de 1951 (BONFIM, 2012, p. 22).

Há também muitas retomadas que estão em processo de demarcação, muitas das quais, há muito tempo, e outras, mais recentemente, que estão na luta pela homologação. Os Pataxó, mesmo sendo um povo que foi massacrado e dizimado nesses 516 anos de contato com os

não-índios, é um povo que permanece resistindo, e mesmo com tanta discriminação a sua população cresceu e vem crescendo muito durante as últimas décadas.

Durante todo esse tempo de contato com os não-índios, muitos pensavam que iam acabar com nós indígenas e com a nossa cultura. E nunca imaginaram que a população Pataxó ia crescer tanto e formar varias aldeias, tornando-se um povo muito numeroso em população hoje na Bahia.

1.3. O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO PATAXÓ EM COROA VERMELHA

No caso da Aldeia Coroa Vermelha a população indígena aumentou devido ao crescimento das famílias que já moravam e também por causa da migração constante de outras famílias Pataxó que vinham e que vêm de outros lugares e aldeias próximas.

[...] Coroa vermelha não poderia ser vista como algo uniforme, tanto pelas suas características territoriais quanto pelos significados que os diversos atores sociais atribuem a mesma como um todo ou em subdivisões. Como um núcleo que se formou paulatinamente com a vinda de diversos pataxós de outras aldeias, principalmente Barra Velha, ou mesmo pataxós que viviam fora das aldeias, Coroa Vermelha apresenta-se como uma comunidade heterogênea, com uma dinâmica interna bastante complexa (CESAR, 2011 pp. 63-4).

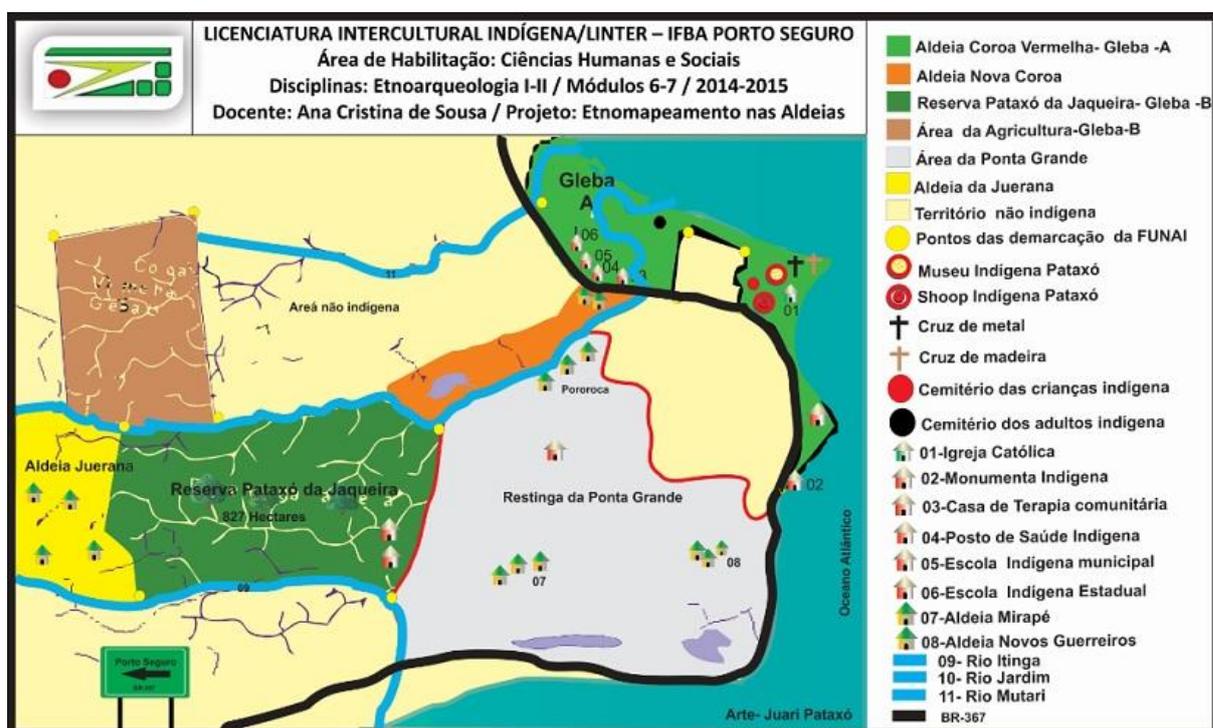


Imagem 1: Mapa do Território de Coroa Vermelha, Fonte: Juari Pataxó/IFBA

Alguns moradores contam que umas das primeiras famílias que veio morar em Coroa Vermelha foi a família de Alberto do Espírito Santo Matos, mais conhecido como pajé Itambé. De acordo com Soares (2016) em seu trabalho, Seu Itambé chegou a Coroa Vermelha no ano de 1972. Sua família veio e começou uma nova vida na Aldeia Coroa Vermelha, onde vivem até hoje.

Nesse período, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália já estavam começando a se desenvolver e também a receber turistas, que vinham curiosos para conhecer esse lugar

histórico no qual a Expedição de Pedro Álvares Cabral aportou com sua frota de embarcações e onde se realizou a primeira missa no Brasil no dia 26 de abril de 1500. Para nós, indígenas, tratou-se de uma grande invasão, trazendo muitas doenças e levando as riquezas do nosso país, principalmente nosso território, pois a terra, para o povo Pataxó, é de muita importância para viver, plantar e colher.

Dessa maneira, como explica Sampaio, a partir da década de setenta, Coroa Vermelha se tornou um lugar de acolhimento de muitos indígenas pataxó, os quais:

Impedidos pela guarda florestal de plantar em suas próprias terras, os Pataxó de Barra Velha e arredores se dispersariam, nos anos sessenta, por todo o Extremo Sul da Bahia, fazendo biscates, trabalhando em fazendas e, na década seguinte, se reconcentrando em novas povoações indígenas, a principal delas a Coroa Vermelha, local da chegada da frota de Cabral em 1500 e da Primeira Missa no Brasil, onde, à falta de terras, poderiam os índios viver da venda de artesanato, aproveitando o crescente fluxo de turistas para a região. (SAMPAIO, 2000, p.1)

O povo Pataxó, depois do Fogo de 51, passou por uma grande dispersão, e na década de setenta alguns indígenas começaram a migrar para a Aldeia Coroa Vermelha em busca de novos meios de sobrevivência. Com a chegada das estradas, BR-101 e BR-367 inauguradas em 1974 (SAMPAIO, 1995), e também por ser um local histórico que começava a se desenvolver, Coroa Vermelha seria uma das opções para muitos indígenas Pataxó que, pensando no futuro de muitas famílias, viam nessa aldeia um local de melhor sobrevivência.

A vida na Aldeia Coroa Vermelha seria melhor para a comercialização dos artesanatos, que começava então a se desenvolver como uma das principais fontes de renda para muitos indígenas Pataxó, associada também a outras opções, como a pesca e a agricultura. Assim, “a partir de 1972, um núcleo Pataxó se estabelece em caráter permanente na Coroa Vermelha” (SAMPAIO E CARVALHO, 1992). A venda do artesanato se tornou umas das principais fontes de renda para muitas famílias Pataxó que chegavam à Aldeia Coroa Vermelha.

Seguindo esse movimento, a Aldeia Coroa Vermelha, aos poucos, foi crescendo, turistas de todas as partes do mundo começavam a descobrir esse lugar e a aldeia começava também a se desenvolver, ano após ano, com instalações de muitos comércios, tornando-se cada vez mais um lugar atrativo para os visitantes e também para a entrada de muitos indígenas. Por ser também um lugar que estava próximo ao município de Porto Seguro e

Santa Cruz Cabralia, que estavam se desenvolvendo, as famílias indígenas também vinham em busca de trabalho, educação, saúde e para ter uma vida melhor.

Em 1997, segundo Sampaio (1997), viviam aproximadamente mil indígenas em Coroa Vermelha, o que indica que era uma população bem pequena de indígenas, se comparando aos dias atuais. Passados alguns anos, em 2001, Cezar (2011) observa que Coroa Vermelha tinha uma população de 2.300 indígenas, número que aumentou bastante e em pouco tempo.

No ano de 2000, quando o governo inaugurou o Projeto do Museu Aberto do Descobrimento (MADE), para a comemoração dos 500 anos, houve nas obras previstas pelo MADE um Mini-Parque de Coroa Vermelha (Cezar 2011) e um conjunto de obras, como um museu, uma cruz enorme de metal, um comércio com várias lojas para os indígenas e uma grande passarela que dá acesso da cruz até a BR-367.

E com isso houve também um reconhecimento maior da aldeia, e uma enorme mudança com relação aos moradores que moravam nessa área onde implantaram o projeto MADE, pois muitos indígenas aceitaram e foram indenizados e saíram do local. Mas teve famílias que também não quiseram sair. Conforme SOARES (2016) afirma em seu trabalho, sua mãe, dona Mirinha, irmã de Itambé, não aceitou sair do seu local onde há muito tempo vivia sua família, e até hoje continua morando nesse lugar chamado atualmente pelos indígenas de Parque Indígena.

Com as mudanças que o governo implantou e com o desenvolvimento resultante, a aldeia Coroa Vermelha se transformou e cresceu muito. Hoje a aldeia é formada por muitos comércios e casas, mas tem uma área para agricultura onde há famílias que vivem de plantações e produtos da roça e outra área, com 827 hectares, na qual é feito um trabalho de conscientização e preservação ambiental, e também de afirmação cultural. Falo da Aldeia Pataxó da Jaqueira.

Esse movimento da chegada de famílias indígenas Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha aconteceu com o tempo e aos poucos. Mas a partir do ano 2000 foi intensa a chegada de Pataxós de diversas aldeias e lugares, crescendo bastante a população indígena em Coroa Vermelha. Muitas das famílias indígenas vieram pelo fato de ser um lugar em que se pode melhor para comercializar o artesanato, por ser a única aldeia mais próxima a uma cidade, e

também por oferecer mais oportunidades. Como CASTRO (2008) descreve num depoimento de um Indígena o motivo que fez ele se deslocar para Aldeia Coroa Vermelha:

Em seguida, o rapaz me foi apresentado: - *Jutay é de Boca da Mata, uma aldeia que fica lá perto do Monte Pascoal.* O rapaz, que já terminou o segundo grau, contou-me que veio para Coroa Vermelha porque queria estudar e trabalhar. - *Boca da Mata é muito pequena e, para os jovens, não há muito que fazer.* Em Coroa Vermelha participou de uma oficina de informática oferecida pelo governo e agora trabalhava no escritório da ASPECTUR. Disse sentir falta de casa, e lamentou estar morando provisoriamente na casa de um tio mas, à parte disso, achava que tinha feito bem em se mudar: - *Aqui a gente aprende mais, tem mais oportunidade de vida.* (CASTRO 2008 pagina 58 e 59)

Como vimos, famílias Pataxó chegaram à Terra Indígena de Coroa Vermelha devido a vários motivos, muitos pela venda do artesanato, outros pelo massacre de 51, e outros porque impedidos de fazer suas plantações foram se dispersando à procura de melhores lugares para se viver, outros por questões familiares e também de sobrevivência em busca de trabalhos e estudos. E assim a aldeia de Coroa Vermelha foi crescendo e vem crescendo até hoje.

No dia 08 de Abril de 2017, procurei me informar na Secretaria de Assuntos Indígenas com o Cacique Zeca Pataxó em Coroa Vermelha, mas o mesmo não se encontrava, e então pedi a vice-cacique Cristina, que lá estava, a informação de quantos indígenas vivem hoje em Coroa Vermelha. Ela me informou que há aproximadamente seis mil indígenas morando na Aldeia Coroa Vermelha.

A maioria das famílias de outras aldeias que vem para Coroa Vermelha se fixa aqui e consegue estruturar suas vidas, mas há aquelas que acabam retornando à aldeia de onde vieram, por não conseguirem se adaptar ao lugar. Muitas vezes vêm imaginando que vão se acostumar ao lugar e acabam deixando tudo para trás novamente, e muda outra vez de aldeia. Como pude observar em uma conversa bem rápida com uma família que havia vindo da Aldeia Craveiro, que fica na região do Prado e depois a ela retornou, após passar um tempo em Coroa Vermelha. Retornaram porque em Coroa Vermelha a família não havia conseguido estruturar a vida, pois estava morando em casa de aluguel, o que para eles estava muito difícil. Decidiram então voltar para Aldeia Craveiro.

CAPÍTULO 2

MIGRAÇÃO DE UMA FAMÍLIA PATAXÓ

Neste segundo e último capítulo descrevo a história de vida da família de Seu José e Dona Ana, a partir do momento em que eles se conheceram e casaram, ainda muito jovens, na Aldeia Trevo do Parque. E relato também sobre os lugares em que a família morou, e um pouco do que viveu em cada lugar, e o que fez a família se deslocar de um lugar para outro até chegar à aldeia de Coroa Vermelha, na qual ficaram por um período mais longo, ou seja, mais de vinte anos, sendo o lugar onde os filhos cresceram e foram todos criados até se tornarem adultos. Em seguida relato sobre a vida da família hoje, que recentemente passou a morar numa retomada chamada de Aldeia Mirapé, local que está ainda em processo de demarcação.

2.1 A BUSCA PELA HISTORIA DA FAMÍLIA

Para poder realizar o meu trabalho com Dona Ana e Seu José, eu conversei com eles antes e expliquei que estaria fazendo uma pesquisa com sua família, pedindo então a sua permissão para contar, no meu trabalho, um pouco de sua trajetória de vida. Eles aceitaram e acharam interessante que se escrevesse um pouco sobre a história de vida de sua família.

A família é formada por Dona Ana Maria Ferreira Santana e José Sena e seis filhos. Dona Ana nasceu no dia 25 de julho de 1972 na Aldeia Barra Velha, que fica no município de Porto Seguro, na Bahia, filha de Arlete Braz dos Santos e João Santana Ferreira. Porém, desde pequena, foi criada e registrada apenas pela avó, Antonia Santana Ferreira, mãe de seu pai, pois sua mãe na época era muito nova e não tinha condições de criá-la. Seu José, filho de Tereza Sena e Bonifácio Ferreira Braz, nasceu no dia 10 de outubro de 1971 em Itaquena-Bahia, um lugar que fica entre Caraíva e Arraial D`Ájuda, localizada também no município de Porto Seguro. Quando ainda era pequeno, seu pai veio a falecer, deixando ele e mais seis irmãos, todos pequenos.



Imagem 2 : Sr. José produzindo artesanatos (Foto Aritana Braz)

Dona Ana e Seu José têm seis filhos e cinco netos. Dos seis filhos, três são mulheres Mirian, Meirinan e Joseane, e três homens, Buriatan, Burianan, Bonifacio. Os três homens são casados e apenas uma das três mulheres é casada. As duas filhas mais novas ainda moram com eles.

Com Dona Ana, eu pude marcar e gravar algumas entrevistas, mas com Seu José foi diferente, pois, quando marquei uma entrevista, ele inventou algo para fazer. Por ser ele

também mais tímido, eu tentei buscar algumas informações aos poucos e preferi fazer minha pesquisa com ele através da conversa. E foi muito interessante. Perguntava e tirava algumas dúvidas durante as minhas idas à casa da família na Aldeia Mirapé. Então, através da entrevista que fiz e com as conversas que tive, eles me contaram como se conheceram, contaram para mim os lugares onde moraram, as dificuldades que passaram e um pouco do que eles viveram em cada lugar.

E então marquei no dia 20 de julho de 2016 com Dona Ana uma entrevista onde ela me contou um pouco de sua história. Fui numa tarde até a casa deles. Chegando lá, Seu José estava de saída, pois iria ajudar os jovens da Aldeia Mirapé a colocar uma trave em um campo novo de futebol, e Dona Ana fazia brincos de pena no chão de sua sala. Fiz a entrevista somente com ela nesse dia.



Imagem 6 - Dona Ana produzindo artesanatos (Foto Aritana Braz)

Cheguei e conversamos um pouco. Depois de um tempo perguntei se ela estava disponível para poder contar um pouco de sua história e que eu iria gravar. Ela ficou um pouco com vergonha quando disse que ia gravar, porque era minha primeira entrevista com ela, mais falou que podia. Em seguida, sentei junto a ela no chão e lhe pedi que contasse sua

história e os lugares onde havia morado até chegar à Aldeia Mirapé. E durante a entrevista ela continuava sempre fazendo seus artesanatos produzindo brincos feitos de pena, e se emocionou muito quando se lembrou de sua Avó, que para ela era como uma mãe.

Na entrevista, Dona Ana me conta sua história e também da família que se inicia quando eles, Seu José e Dona Ana, se conheceram na Aldeia Trevo do Parque, que está localizada no município de Itamarajú- Bahia, e bem próxima ao Monte Pascoal, à beira da BR-101 e BR-498, uma área doada por um fazendeiro em 1988 (SAMPAIO, 2000). Na época em que eles se conheceram e começaram a namorar, Dona Ana tinha treze anos e Seu José tinha dezesseis anos de idade. Nesse período de namoro, Dona Ana conta que as pessoas começaram a falar ou fazer fofocas deles que eles estavam fazendo coisas erradas, então seu pai ficou sabendo e chamou ele, Seu José, para uma conversa séria, perguntando sobre as "conversas" que o povo estava falando. Eles disseram que não estavam fazendo nada do que o povo estava dizendo, mas que, se fosse pra casar, eles casavam. E na entrevista ela afirma o que Seu José falou para seu pai:

Pai tava cá pra Boca da mata fazendo farinha, quando pai chegou falaram pra pai. Pai chamou Zé, ai Zé foi, e Zé já morava no Trevo. Ai lá vai, chamou ele, ai perguntou ele, se ele queria casar comigo, porque tava sabendo disso e isso. Ai Zé falou assim, nós não tava fazendo nada disso não, mas eu caso, eu sou homem de casar com ela, eu caso com ela, ai nós tava namorando mesmo, ai foi certou nosso casamento. (Dona Ana, 20 de julho de 2016)

Segundo Dona Ana seu pai marcou o casamento para o mês de setembro, ela era bem nova e ele também, mas mesmo assim casaram, numa pequena cerimônia na Aldeia Trevo do Parque.

Ai era pra nós casar no mês de agosto, nesse mês agora de agosto, ai o pessoal falou que, mês de agosto não era mês bom de casamento, que dava desgosto, ai então deixou pra nós casar em setembro. Acho que nós casamos no dia sete de setembro. Ai meu pai comprou uma porca na mão do homem chamava Trajane, comprou uma banda de porco na mão de Trajane pro nosso casamento. Aí veio o pessoal de Boca da Mata pro nosso casamento, ai eu casei. Casei mais ele, Zé tava com dezesseis, quinze pra dezesseis ano, nesse caso eu já tinha completado os catorze anos já, ai casei com catorze anos. (Dona Ana 20 de julho de 2016)

Fizeram uma pequena festa na aldeia e compraram um porco para a cerimônia do casamento. Após o casamento, Dona Ana disse que sua Vó, por quem foi criada, foi embora para Barra Velha e ela ficou. Eles casaram e moraram na aldeia Trevo do Parque, onde começaram sua nova vida de casados.

Aí casamos, minha vó chegou chamou minha mãe, ai falou assim: oh Santa quando era pequena eu cuidei dela. Como agora ela casou, responsabilidade agora é sua, você

toma conta dela que agora eu vou me embora. Aí ela veio embora pra Barra Velha e eu fiquei, casei e fiquei lá no Trevo. (Dona Ana 20 de julho de 2016)

Na historia de Dona Ana sobre sua infância pude ver que, até chegar à Aldeia Trevo do Parque, ela migrou pela terra de Barra Velha em alguns lugares. Em entrevista concedida em 15 de junho de 2016 ela me contou um pouco da sua infância:

Eu nasci no Come quem leva. É um lugar pra lá de Barra Velha no Come quem leva o nome do lugarzinho. Aí depois que minha vó pegou pra me criar na idade de seis meses, aí fui crescendo junto com minha vó, depois nós viemos morar cá na Joana, aí nós só fomos mudando de lugar. A Joana fica entre Come quem leva e Barra Velha.

Depois quando tava já mocinha vim morar no Pará, cá perto de Barra Velha mesmo, já dentro de Barra Velha. Aí que já tava mocinha, saía. vinha estudar cá em Barra Velha.

Depois meu pai comprou um lugar cá na Boca da Mata. Pegou minha vó levou pra Boca da Mata, aí eu larguei a escola e fui morar na boca da Mata. Depois voltamos de novo pra Barra velha, aí tornei a estudar de novo. Saí de novo, fui morar cá pro lado do Anjo, aí, sempre no território de Barra Velha, ao redor de Barra Velha mesmo.

Aí fui crescendo, ajudando minha vó a fazer casa. Às vezes ela saía pra poder tirar maribu (pallha) carregando pra fazer nosso barraquinho. Aí depois meu pai veio embora cá pro Trevo. Eu já tava mocinha, tava moça, aí nós fizemos nossa casinha. Assim que nós terminamos de fazer nossa casa, aí pai foi buscar mãe, passar uns dias mais ele cá no Trevo. E cá no Trevo nós viemos, eu tava com idade de onze, doze pra treze ano. Eu vim embora cá pro Trevo, aí cá eu conheci a minha mãe.

2.2. UMAS DAS MINHAS CONVERSAS COM SEU JOSÉ¹

Cheguei à Aldeia Mirapé, eu e meu esposo, para mais uma visita à casa da família, e lá Seu José estava com Dona Ana e com suas três filhas e o filho mais velho sentados num banco no terreiro de casa onde conversavam. Seu José disse que estava descansando do almoço para começar a trabalhar numa nova casa que estão construindo ao lado de sua casa. Logo após chegou outro filho com sua esposa e sua filha que vinham do rio da Jaqueira, onde havia pescado pequenos peixinhos num lugar mais acima do mesmo rio.

Fiquei ali junto a eles e em seguida as meninas disseram que iam para o campo jogar bola, e os meninos se preparavam para a pesca. Diziam ter visto peixes nesse rio. Depois de

¹ Conversa com Seu José realizada no dia 27 de agosto de 2016 em sua casa no período da tarde.

preparados, foram para a pescaria, e eu fiquei ali com Dona Ana e Seu José conversando com eles, e em meio às conversas perguntei a Seu José sobre a vida dele. E então ele começa a lembrar de seu pai e conta pra mim sua historia.

Eu nasci em Itaquena mesmo, e morei lá quando era pequeno, à beira da praia. Era o velho que caçava o de come , ele caçava, pescava, fazia farinha na meia (quando uma família ajuda uma outra família a fazer farinha que, depois de pronta, é dividida entre as duas) e aí quando ele morreu minha mãe ficou sozinha na casa. Aí minha mãe saiu, largou tudo pra lá, e nós como era pequeno não tínhamos entendimento de nada. Aí com oito dia que meu pai morreu, minha Vó morreu, a mulher de meu avô, aí ficou uma tristeza junto com a outra. E aí saímos, largou tudo lá, lá em Itaquena. E aí nós fomos penar, eu conto assim, porque contaram pra nós. Aquele tanto de menino tudo pequeno, sem trabalho é difícil, às vezes chegava na casa de um dormia. Às vezes de dia aí o que dava pra minha mãe comer ela não comia e dividia, nós teve dificuldade até de roupa pra gente.

Quando eu fui pra o Trevo eu já estava homem. Aí como eu estou falando, minha mãe saiu, ficou na casa de um, de outro, daí mãe veio pra Barra Velha, e ficamos naquela Barra Velha na casa de um, de outro. Ficamos sem destino, sem morada. Aí veio cá pra banda do Pará, fiquemos por ali dormindo na casa de um, de outro.

Aí quando me entendi de gente, de menino que já sabe alguma coisa, nós já estávamos no Pé do Monte, no Monte Pascoal, aí que eu tenho lembrança que eu já vendia aqueles colares, lanças. Era um Parque que os turistas iam visitar. Foi quando eu me entendi e tive aquela noção de onde estava, mas durante esse tempo eu não tenho lembrança que eu fiquei em Barra Velha, eu não tenho lembrança que morei ali na Trucida perto da Juerana, e Ana tem lembrança que ela até levava coisa pra mãe, mais eu não tenho lembrança dela.

E aí nós fomos vivendo assim num canto, outro dia noutro. Foi difícil! Meu pai morreu com trinta e três anos, aí eu também não sei do que foi. Novo! novo! novo e já era pai de sete filhos. Naquele tempo meu pai era muito novo...

Após nossa conversa, Seu José foi continuar seu trabalho na construção da nova casa, e eu continuei conversando com Dona Ana, e em seguida os vizinhos chegaram e iniciaram muitas outras conversas. Na história de Seu José, devido ao falecimento de seu pai e de sua Vó, sua mãe saiu de Itaquena e foi morar em Barra Velha, onde a vida para eles se tornou muito difícil com a perda do pai. Atualmente a mãe de Seu José vive na Aldeia Trevo do Parque.

2.3. DE ALDEIA EM ALDEIA

Viveram mais ou menos sete anos na Aldeia Trevo do Parque. Ela conta que lá a vida era difícil. Em sua fala, ela diz que não tinha perspectiva de vida. Seu José me contou que trabalhava em fazendas de plantações de café. Afirma que trabalhou em uma fazenda chamada Café Norte por cinco anos, uma fazenda muito grande na época, era muito novo ainda, mas tinha uma responsabilidade muito grande de cuidar da família, fazendo também pequenos trabalhos para um e para outro em roças, para dar o sustento da família que estava crescendo.

Ai ficamos no Trevo, ai ganhei Buriatan, depois de Buriatan ganhei Burianan, depois de Burianan engravidei de Meri. Ai andava naquelas fazendas por ali, trabalhando, o pai deles andava trabalhando que era mais difícil negócio de terzenato ali, botava mais só que era mais difiço, ele tava trabalhando nas fazendas, fazendo bico pra um, bico pra outro. Eu com barrigão de Miriam, ai eu falei assim oh Zé nois vamo trabalhar eu vou ganhar Mirian em Barra Velha, com barrigão já no mês de ganhar com oito mês, com oito mês nois desceu pra Barra Velha, ai eu vim ganhar Miriam ni Barra Velha, eu ganhei Mirian lá no Comissão João de Mina na casa do vei Domingo Raí, que é tio de Zé, ai eu ganhei Mirian, depois que eu ganhei Miriam com mês que eu ganhei ela, eu fui lá pro Trevo de novo. (Dona Ana, 20 de julho de 2016)

Em sua entrevista, Dona Ana diz que Seu José na época trabalhava nas fazendas e que era muito difícil sobreviver na aldeia Trevo do Parque de artesanatos, e que dinheiro lá era muito difícil. Viviam também a base de trocas com os parentes que moravam próximos, trocava farinha por outros alimentos, como feijão e arroz. Costumavam também pegar pequenos peixinhos do rio pra comer e para dar aos filhos, ou, quando não tinha nada, ela fazia paçoca de banana verde e assim eles viveram uma vida bem simples, e enfrentando essas dificuldades.

Quando Seu José recebia o dinheiro dos trabalhos em fazendas, Dona Ana disse que ele ia fazer compras na cidade próxima, Itamarajú-BA, ou, quando não tinha dinheiro, sobrevivia de produtos da roça.

Lá também não tinha energia elétrica. Era o candeeiro a diesel a luz que iluminava a noite. Conseguiram o diesel com caminhoneiros que passavam pela BR-101 e que às vezes paravam. Eles então pediam ou trocavam por algum artesanato o litro do diesel. E assim eles viveram na aldeia Trevo do Parque por sete anos e lá tiveram três filhos.

Certo dia eles decidiram morar na Aldeia Guaxuma, a pedido do pai de Dona Ana, uma aldeia próxima ao Trevo do Parque, à beira da BR-101 e BR- 498, porém pertencente ao município de Porto Seguro-BA.

Aí quando tava lá no Trevo, eu já tinha muito tempo que tinha visto pai, mais tia Isabel, ai Zé teve cá pro lado do Montinho e encontrou com pai. Ai Zé falou: seu pai falou pra você ir lá junto dele, ai eu fui, Miriam tava com três meses de nascida, ai eu fui lá na casa de pai, ai chegou lá pai falou assim: Oh tem um barraquin ai pra vem vender suas coisas ai, to fazendo outro barraco e vocês ficam ai, ai nós já fomos pra aldeia Guaxuma, chamava lá, mais só que lá não era aldeia ainda não, vendia artesanato mais chamava Guaxuma, ai nós fomos e ficamos lá, no Guaxuma. (Dona Ana 15 de junho de 2016)

Para eles, a pedido do pai de Dona Ana, a vida lá seria melhor com a venda do artesanato. Por isso decidiram mudar de lugar, para conseguir manter a família onde pudessem vender os artesanatos, que a família produzia, com mais facilidade. Em sua fala na entrevista Dona Ana também diz:

Eu fui pro Guaxuma porque lá era mais, o dinheiro era mais fácil pra nós. Que cá no Trevo tava difícil, o dinheiro pra poder comprar nossas despesas. Que cá é mais difícil, e no Guaxuma era mais fácil, o artesanato tava mais fácil. Zé fazia... ia pra Boca da Mata fazia artesanato botava na barraca era mais fácil de arrumar o dinheiro, e cá pai ajudava a gente e cá no Trevo era mais difícil, era mais negocio de trabalhar pros outros na fazenda, e cá no Guaxuma não, trabalhou pra ele mesmo, fazia o artesanato dele pra nós mesmos botava na barraca. Trabalhava pra nós mesmos...da parte desse momento pra cá ele graças a Deus num trabalhou mais pra ninguém...pra nós mesmos e até hoje, até hoje nós trabalhamos pra nós mesmos com nosso artesanatozin, e criei meus filhos tudo... tudo com artesanato (Dona Ana Aldeia Mirapé, 15 de junho 2016)

Em sua conversa, Dona Ana relata o motivo que fizeram eles mudarem de lugar. O primeiro motivo da migração da família foi a busca pela autonomia econômica, ou seja, trabalhar para si mesmo e não para os outros. Para eles, que sempre produziram artesanato, lá seria melhor. Com a venda do artesanato eles poderiam melhorar de vida. Na Aldeia Guaxuma seria mais fácil conseguir o dinheiro para as despesas da casa e assim poder criar os filhos que estavam ainda pequenos.

A Aldeia Guaxuma foi o lugar onde moraram por pouco tempo, uns dois anos mais ou menos, então Dona Ana e Seu José quase não têm muitas lembranças dessa aldeia. Lá eles já tinham três filhos e estava a caminho o quarto filho. Então teve a decisão de ter esse outro filho em Coroa Vermelha na casa de Dona Arlete, mãe de Dona Ana. E lá eles foram para perto da mãe de Dona Ana já nos últimos meses de gestação. E ganhou o quarto filho. E ela conta que foi ter o bebê e lá ficou junto com sua mãe, acabou gostando da aldeia Coroa

Vermelha e não voltou mais para a Aldeia Guaxuma. Acabou ficando por ali mesmo, perto da família.

E seus filhos, como já estavam grandes, precisariam de uma escola e na Aldeia Guaxuma não tinha escola naquela época. Eles então preferiram ficar em Coroa Vermelha devido a seus familiares e por causa dos filhos que estavam precisando estudar. Em Coroa vermelha já tinha na época uma pequena escola indígena feita de tábua que ficava no cruzeiro local que está localizada a cruz, que foi celebrada a primeira missa, onde seus filhos foram matriculados.

Daí eu vim pra Coroa porque vim ganhar Boni aqui, e daqui mesmo num voltei mais, fiquei ai até hoje, e os meus meninos trouxe pra cá, acostumou também aqui, e ai num quis voltar mais não e graças a Deus to aqui até hoje, foram crescendo, estudando aqui também, que lá no Guaxuma num tinha escola pra eles estudar, e aqui já teve escola pra eles, ai já matriculei Buriatan mais Burianan, e ai já num deu pra voltar mais por causa dos meninos que tava estudando (Dona Ana Aldeia Mirapé, 15 de junho 2016)

Outros motivos da migração deles foram familiares, queriam ficar perto da família que já estavam morando em Coroa Vermelha e também devido à educação dos filhos que estavam iniciando a vida escolar. Nesse caso eles viram que seus filhos no momento estavam precisando frequentar uma escola e que em Coroa vermelha poderia garantir um melhor futuro para a família. Até chegar à aldeia de Coroa Vermelha a Família de Dona Ana e Seu José viveram em dois lugares diferentes, que pra eles foram lugares nos quais, na época, a vida era bem difícil. E com a família crescendo, com a chegada de mais filhos, Coroa Vermelha seria melhor para toda a família.

2.4. NA ALDEIA COROA VERMELHA

A terra indígena de Coroa Vermelha está localizada no extremo sul da Bahia, no município de Santa Cruz Cabrália. A área está dividida em duas áreas gleba A e B. A gleba A é onde está localizada a parte turística da aldeia, onde são comercializados os artesanatos da maioria dos indígenas que sobrevivem com a venda, e também onde reside a maioria da população indígena de Coroa Vermelha. A gleba B é uma área na qual uma parte serve de agricultura para algumas famílias indígenas que vivem da roça e a outra parte é a Aldeia Pataxó da Jaqueira, em que é feito um trabalho de preservação do meio ambiente e afirmação cultural, e onde residem algumas famílias.

Contam os mais velhos que foram com muitas lutas e dificuldades para posse da terra. Alguns dos primeiros moradores indígenas foram Itambé e sua família, como relatei no primeiro capítulo. Eles contam que antigamente, quando chegaram à Coroa Vermelha, não tinha nada e não era uma aldeia como terra demarcada. E que há muito tempo foi uma aldeia muito pequena com poucas famílias que viviam nesse lugar.

Para a Aldeia de Coroa Vermelha ser demarcada no ano de 1998 foi com muito esforço das lideranças, um longo processo que demorou muitos anos, pois era uma área que estava com muitos empresários de grandes interesses particulares que tinham fortes influências nesse lugar.

Atualmente a Aldeia Coroa Vermelha é bem conhecida, e durante o ano todo é visitada por muitos turistas de vários lugares do mundo. A aldeia hoje possui dois caciques, Zeca Pataxó e Aruan Pataxó, e cada um tenta ajudar a aldeia como pode, na necessidade dos indígenas e estão sempre na luta em busca de melhorias e projetos para a comunidade.

Hoje a aldeia possui posto de saúde que faz atendimento somente para indígenas, onde alguns dos funcionários são também indígenas. Possuem também duas escolas indígenas uma é municipal e a outra estadual.

Coroa Vermelha hoje possui uma população muita grande de indígenas e a maioria vive da venda de artesanato, outros vivem da agricultura, também da pesca e há famílias que trabalham em empregos fixos em padarias, lojas, supermercados, escola, posto de saúde e outros comércios.

Quando Seu José e Dona Ana chegaram, a Aldeia Coroa Vermelha estava em processo de demarcação. A família chegou ao ano de 1993 e morou em uma área da Aldeia Coroa Vermelha chamada de 'Invasão' que hoje é chamada de Rua Beira Rio, uma área que, na época, tinha acabado de ser ocupada pelos indígenas.

Em Coroa Vermelha Seu José conta que eles foram morar numa casinha de plástico pequena improvisada, e tiveram mais duas filhas. Na época eles sobreviviam dos artesanatos que já produziam e também passaram a viver da pesca. Ele pegava polvo nas pedras e pescava

peixes com redes, redava às vezes durante a noite ou de dia. Os peixes, quando precisavam de dinheiro, eles vendiam a quilo, ou serviam também para consumo da família.

Os artesanatos que produziam os dois filhos mais velhos passaram a vender na praia, no período em que não estavam estudando, onde cada um carregava um pouco de artesanato e ia andando oferecendo aos turistas que encontravam nas cabanas de praias, também para ajudar no sustento da família. Como eram ainda pequenos iam sempre na companhia de um adulto.

Com o tempo eles conseguiram melhorar um pouco de vida e construíram uma casa melhor feita de tábua para acolher melhor os filhos. Para Burianan, filho de Seu José e Dona Ana, na época a casa deles de madeira era a melhor que tinha na rua, construída pelo seu pai com muito cuidado para acolher melhor os filhos.

Após o ano 2000, eles ganharam uma casa do pai de Dona Ana, uma casa melhor, feita de alvenaria. Nas lembranças de seu filho Burianan, ele conta que ali onde eles moravam, na rua Beira Rio, antigamente era muito bom, lugar perto da praia e também de um rio. Quando criança, ele brincava muito no rio e voltava para sua casa com olhos vermelhos de tanto mergulhar. E assim foram crescendo ele e mais cinco irmãos.

Cresceram ali até se tornarem adultos, quando então os quatro filhos mais velhos casaram, e cada um formou sua família. O lugar também foi crescendo e aos poucos os números de casas também foram aumentando. A Aldeia Coroa Vermelha passou a ser reconhecida como Terra Indígena, e muitas mudanças aconteceram durante esse longo tempo morando aí.

Para a família de Seu José e Dona Ana, para cada lugar em que moraram teve um motivo que os levou a mudarem para outro lugar. Um dos principais motivos da mudança da família foi sempre a procura por um ambiente que seja melhor para família e para a educação dos filhos que estavam crescendo.

Com a vida já estruturada na Aldeia Coroa Vermelha, lugar onde viveram mais de vinte anos, decidiram ir morar na Aldeia Mirapé, lugar que tinha acabado de ser retomado e onde as famílias começavam a fazer suas barracas improvisadas.

2.5 RETOMANDO A VIDA NA ALDEIA MIRAPÉ

A Aldeia Mirapé está localizada no município de Porto Seguro, fica a dois quilômetros da Aldeia da Jaqueira e a sete quilômetros da Aldeia Coroa Vermelha, uma área grande de restinga. Muitas das poucas árvores baixas que tem são de uma frutinha bem pequena que entre o povo Pataxó é chamada de murtinha, essa frutinha atrai muitos pássaros, principalmente periquitos. Mirapé na língua Pataxó (patxohã) quer dizer lago ou lagoa encantado.



Imagem 4: Entrada da Aldeia Mirapé (Foto Aritana Braz)

De acordo com o que me disse a Agente de Saúde Indígena Mirian Ferreira Sena, que trabalha na Aldeia Mirapé, e é filha de Seu José e Dona Ana, atualmente moram na Aldeia Mirapé trinta e quatro famílias Pataxó que vieram de várias aldeias como Coroa Vermelha, Barra Velha e até famílias que vieram do estado de Minas Gerais que hoje também vivem lá.

Essa área da Aldeia Mirapé não possui encanação de água e nem energia elétrica. A energia que tem vem da BR-367, localizada a dois quilômetros, mas que, devido às instalações e fiações serem muito ruins e feitas pelos próprios moradores, a energia chega tão fraca na aldeia que quase não tem utilidade nenhuma, não tem como nem usar geladeira e nem televisão. À noite as lâmpadas das casas ficam quase apagadas. A água vem através de canos improvisados que vem de um poço da Aldeia da Jaqueira, que chega à Aldeia Mirapé onde as famílias utilizam através de uma caixa d'água que serve para todos.

Chegando ao ano de 2014, a família de Dona Ana e Seu José decidiram mudar para Aldeia Mirapé. Eles mudaram para lá porque queriam viver num lugar mais tranquilo e sossegado, pois a Aldeia Coroa Vermelha já havia crescido muito, principalmente no lugar onde moravam. Muitas casas foram construídas e o lugar foi ficando cada vez menor. Ela afirma também que para vender os artesanatos em Coroa Vermelha antigamente era bem melhor, mais fácil para a comercialização.

É aqui eu acho bom né, porque vivi na paz né, eu acho melhor, de que lá na Coroa, que antigamente era bom lá na Coroa agora tá ficando cada vez mais difícil, antigamente na Coroa o artesanato era mais fácil de vender, quase num tinha muita gente que vendia nosso artesanato, quase num tinha loja nenhuma, e hoje em dia tem tanto que nosso artesanato mesmo num tá tendo nem tanto aquele valor que nós dávamos, num tá tendo valor. (Entrevista com Dona Ana, 2016)

Na Aldeia Mirapé tiveram que começar a vida novamente, pois quando chegaram o acesso a água era muito difícil e também não tinha nem uma casa para morar. Passaram a morar primeiro numa casa emprestada feita de madeira até eles construírem a deles, após alguns meses na retomada.

Depois que a família de Dona Ana e Seu José foi morar na Aldeia Mirapé, a mãe de Dona Ana Dona Arlete, mais conhecida como Dona Santinha, e sua irmã Sandra, que moravam em Coroa Vermelha também se mudaram para lá, morando próximos uns dos outros. Dona Santinha também é uma grande liderança da Aldeia Mirapé. Mesmo sendo uma anciã, sempre está na luta pela busca da demarcação da terra.

No começo as famílias possuíam apenas a água do rio da Jaqueira e para beber fizeram uma cacimba numa barreira da Aldeia da Jaqueira. Para trazer a água, e também para outros gastos da casa, carregavam com bicicletas e carrinhos de mão por mais ou menos três

quilômetros em grandes baldes e galões. No começo, Seu José ia pegar água bem cedo ou no período da tarde, quando o sol abaixava. Ia com sua bicicleta. A água servia para beber e fazer a comida, mas para tomar banho e lavar roupas tinha que ir ao rio.

Mas depois de um tempo com essa dificuldade da água ser um pouco longe, as famílias da Aldeia Mirapé, se reuniram e conseguiram comprar canos para poder puxar água do poço da Aldeia da Jaqueira, uma água melhor que chegasse até a Aldeia Mirapé. Mas com poucos recursos dados por cada família os canos comprados só chegaram à metade do caminho, porém havia melhorado um pouco, pois já não andavam tanto pra pegar água.

Depois de alguns meses, eles reuniram novamente e conseguiram comprar mais canos e a água chegou até a Aldeia Mirapé. E agora todas as famílias utilizam através de uma única torneira que possui que enche uma caixa d'água que serve para todos os gastos de todos que moram ali, como lavar roupas, tomar banho e para o consumo também.



Imagem 7: Caixa d'água que abastece a Aldeia Mirapé (Foto Aritana Braz)

Vencendo a dificuldade da água, a família de Dona Ana e Seu José depois conseguiram fazer uma pequena casa com um lado feito de barro e outro coberto de plástico

com a cobertura de ternite. Em 2016, eles começaram a construção de uma casa melhor, ao lado de sua casa com uma estrutura de alvenaria.

Para o sustento da família ainda vivem com a produção dos artesanatos, e também vivem da coleta de mariscos, quando é tempo bom, pois tem o tempo certo do ano que a maré esta boa para pescar peixe e principalmente o polvo e o ouriço que são retirados das pedras. Às vezes, quando precisam de dinheiro, vendem a quilo na Aldeia da Jaqueira ou então eles mesmos consomem.

Os artesanatos são vendidos na Aldeia Coroa Vermelha ou na Aldeia da Jaqueira ao preço de atacado para os próprios indígenas. Durante o verão, no final de ano, eles vendem na beira da pista na entrada que dá acesso à Aldeia Pataxó da Jaqueira e à Aldeia Mirapé em barracas improvisadas e onde estão construindo um espaço redondo com ternite no qual funcionará futuramente uma loja de artesanatos para as famílias da Aldeia Mirapé.



Imagem 8: Artesanatos produzidos pelo Sr. José (Foto Aritana Braz)

São produzidos e vendidos conjuntos de arco e flecha, takape, tangas, lança e zarabatana, feitos por Seu José, e com as matérias-primas retiradas da mata. Quando precisa ir para mata tem que acordar bem cedo e sempre vai com alguém, nunca sozinho. Existem

também outros artesanatos que Dona Ana produz, como os brincos, presilhas e palitos de cabelos feitos de penas de galinha. As duas filhas mais novas também ajudam na produção.

Seu José e Dona Ana moram ainda com as duas filhas mais novas. A caçula está estudando ainda e como lá não tem escola, ela estuda na escola indígena em Coroa Vermelha, usando um ônibus escolar cedido pela prefeitura de Santa Cruz Cabralia que leva e traz os alunos todos os dias. Há também crianças da Aldeia Mirapé que estudam na Aldeia Pataxó da Jaqueira onde existe uma van escolar que leva e traz os alunos. A van escolar é cedido pela Prefeitura de Porto Seguro.

No início do ano de 2017, a comunidade da Aldeia Mirapé se reuniu e conseguiu uma sala improvisada para atender algumas crianças da Aldeia Mirapé. O professor é da aldeia mesmo e leciona para uma turma da educação infantil, como extensão da Escola Pataxó da Jaqueira, na qual estudam onze alunos de quatro a cinco anos.

A vida da família na Aldeia Mirapé, de acordo com a minha observação durante esse tempo, oscila entre duas percepções. Às vezes eles estavam satisfeitos com a aldeia e viam ali um bom lugar para, no futuro, filhos e netos viverem, mas, ao mesmo tempo, insatisfeitos, pois vi Dona Ana algumas vezes se queixando, querendo sair dali e retornar para Coroa Vermelha, devido às dificuldades que encontravam de não ter água, energia, de ser longe dos comércios, de ser mais difícil para a venda do artesanato e por conta da terra também não ser boa para o plantio de roças. Mas mesmo com essas dificuldades permanecem ali e ela afirma em sua fala:

E ai nós tá até hoje graças a Deus, nós estamos até hoje aqui, de lá de Coroa nós já estamos aqui na aldeia Mirapé, daqui num sei pra onde nós vamos não, agora só quando Deus permitir pra onde nós vamos. (Dona Ana 15 de junho de 2016)

Também há uma grande preocupação da família e também das outras famílias que moram na Aldeia Mirapé de não conseguirem a demarcação desse lugar, por isso estão sempre na luta juntamente com as lideranças que estão lutando pela demarcação como Carajá, que não mora na Aldeia Mirapé, mas está sempre apoiando as famílias que vivem lá. Há o vice-cacique chamado de Fred que mora na Aldeia Mirapé e está lutando juntamente com outras lideranças Pataxó pela demarcação da Aldeia Mirapé e de outras que também fazem

parte do Território chamado pelas lideranças de Território da Ponta Grande (ver mapa na página 19).

São problemas que durante esse tempo buscam resolver em reuniões, viagens a Brasília unindo as famílias e lideranças para permanecerem ali. Mas mesmo com tantas dificuldades encontradas, a família de Dona Ana e Seu José e também as demais famílias que moram ali, continuam suas lutas na esperança da terra ser demarcada, pois não pretendem sair dali tão cedo, a não ser que a terra não seja demarcada.

A família de Seu José e Dona Ana vive ali há três anos e eles estão retomando uma nova vida, bem mais difícil que a vida que a família tinha em Coroa Vermelha e onde, aos poucos, estão construindo e tentando estruturar a vida à espera da terra ser demarcada.



Imagem 9: Casa da Família de Dona Ana e Sr. José e construção da nova casa, ao fundo (Foto Aritana Braz)

2.6. NA CASA DE DONA ANA E SEU JOSÉ

No dia onze de julho de 2016 decidi passar a noite na casa de Dona Ana e Seu José. Era mais ou menos sete horas da noite quando sai da minha casa em Coroa Vermelha e fui para a Aldeia Mirapé com meu esposo de carro. De Coroa Vermelha até a Aldeia Mirapé leva aproximadamente 15 minutos.

Chegando lá, Seu José tocava violão ao lado de sua casa sentado num sofá velho, e mais ao fundo da casa Dona Ana estava sentada num banco à beira de um fogo que estava quase apagando. Estavam os dois sozinhos e suas duas filhas, que ainda moram com eles, tinham ido para Coroa Vermelha para casa do irmão.

A noite estava um pouco escura com poucas estrelas e fazia muito frio, e a energia, por ser muito fraca, fazia com que a luz oscilasse. Chegamos e sentei ao lado de Dona Ana, e meu esposo foi procurar lenha pra acender mais o fogo. Ali começamos a conversar e ela me falou de algumas coisas que estavam acontecendo na Aldeia Mirapé e de algumas coisas que estavam acontecendo na família.

Depois de um tempo conversando, Seu José diz que ia deitar, como é de costume lá das famílias, que vão dormir muito cedo, por não terem televisão. E nós ficamos ali na beira do fogo, e ela começa a lembrar do tempo em que era criança, quando morava em Barra Velha, e me conta que antigamente lá tinha muita fartura de caça e que comia muito papagaio cozido na água e no sal ou assado, tinha muita paca, porco do mato que ela via ser preparado e moquiado no fogo. Do papagaio ela diz que aproveitava também as asas pra fazer o cocar com as penas abertas, e, lembrando, ela diz que foi um tempo de muita fartura, até o IBAMA fazer a proibição.

Já estava bem tarde quando decidimos dormir, suas duas filhas também tinham acabado de chegar e logo foram se deitar também. No outro dia, bem cedo, Seu José se levanta e vai buscar água na caixa d'água que fica poucos metros de sua casa, Dona Ana também acorda bem cedo e faz café pra sua filha caçula que estuda pela manhã e esta terminando o ensino médio.

Logo depois tomamos o café sentados num banco do lado de fora da casa, embaixo de uma árvore chamada de pororoca. Em seguida Seu José pega seu material e vai fazer seus

artesanatos ali mesmo embaixo da árvore e Dona Ana vai fazer os serviços domésticos de sua casa, e ali nos despedimos e fui embora pra minha casa.

Fui para minha casa e minha pesquisa continua onde escrevo em um caderno as minhas observações, feita na casa de Dona Ana e Seu José.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os Pataxó, considerando que são um povo que quase foi dizimado no passado, hoje cresceram muito em população e vem crescendo anos após anos. Há muitas aldeias espalhadas no extremo sul da Bahia e também no estado de Minas Gerais. Muitas das aldeias formadas pela dispersão do povo pataxó causada também pelo o fogo de 51, e deslocamentos de famílias que sai de uma aldeia a outra devido a muitos motivos, principalmente a migração para aldeia de Coroa Vermelha, uma aldeia com aproximadamente seis mil indígenas.

A Aldeia de Coroa Vermelha é um lugar que cresceu muito ao longo dos anos por causa das famílias pataxó que vieram de outros lugares e também devidos às famílias que foram crescendo. Pude ver através da história de vida da família de Seu José e Dona Ana alguns dos possíveis motivos de migração de famílias pataxó para aldeia de Coroa Vermelha.

Foi de muita importância pesquisar, descrever e deixar registrado um pouco da história da família de Dona Ana e Seu José, que são parte da minha família, ou seja, meu sogro e minha sogra, pais do meu esposo. Encontrei algumas dificuldades durante o trabalho de pesquisa, pois foi um período em que eu estava gestante, o que para mim foi muito difícil, e até mesmo a distância, pois moro em Coroa Vermelha, que é longe da Aldeia Mirapé.

Consegui marcar umas entrevistas e gravar com Dona Ana, mas no início da entrevista ela ficou um pouco nervosa, mesmo assim, no entanto, continuou sua história. E com Seu José não consegui marcar e gravar uma entrevista por ele ser mais tímido, então eu tive que encontrar alguma outra forma de também poder pesquisar a história de vida da família com Seu José, de como eles se conheceram, dos lugares que haviam morado e até mesmo para observar um pouco da vida deles hoje. Então mudei minha forma de pesquisa e busquei as informações com a família através de conversas durante as minhas visitas, que pra mim ajudaram muito durante o período de pesquisa na casa deles na Aldeia Mirapé.

Para a família de Seu José e Dona Ana cada lugar em que moraram houve motivos da migração da família. Motivos como comercializar melhor os artesanatos, educação dos filhos, proximidade com família. Sempre à procura de lugar melhor para se viver, essa busca fez percorrerem quatros aldeias diferentes: Aldeia Trevo do Parque, Aldeia Guaxuma, Aldeia Coroa Vermelha até chegar a Aldeia Mirapé.

Atualmente Seu José e Dona Ana vivem na Aldeia Mirapé e estão retomando uma nova vida, pois saíram da Aldeia Coroa Vermelha, lugar no qual haviam criado todos os seus filhos até se tornarem adultos, e onde viveram por mais de vinte anos. A família de Dona Ana e Seu José recomeçou a vida outra vez. Na Aldeia Mirapé, enfrentando algumas dificuldades de início, hoje conseguiram, com o tempo, estruturar a vida para a Família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BONFIM, Anari Braz. *Patxôhã “Língua de Guerreiro”*: Um Estudo sobre Processo de Retomada da Língua Pataxó, Dissertação de mestrado, UFBA: Salvador, 2012.

CASTRO, Maria Soledad Maroca, *A Reserva Pataxó da Jaqueira: O passado e o presente das tradições*, Dissertação de mestrado, UnB, Brasília, 2008.

CESAR, América Lúcia Silva. *Lições de Abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. Tese (Doutorado em Língua Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, 197p.

Entrevistas e conversas com Dona Ana e Sr. José, Claudio, Silvana, Burianan e Cezar na Aldeia Mirapé, 2016.

OLIVEIRA, Cornélio Vieira. “Barra Velha. O último refúgio”. Londrina, Paraná 1985.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. “Breve História da Presença Indígena e as Atuais Comunidades Pataxó no Baixo Extremo Sul do Estado da Bahia”, In: *Povos Indígenas no Brasil, 1991-1995*, Instituto Socioambiental (ISA), São Paulo, 1996, pp. 700-703.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. *Pataxó: retomadas na rota do quinto centenário*, Relatório de viagem, 2000.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. “Coroa Vermelha 1997: garantia da terra indígena e impasses no “quinto centenário do descobrimento”, *Parabólicas*, ano 4, número 34, Boletim do Instituto Sócio-Ambiental, São Paulo, outubro de 1997.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras; CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. *Parecer sobre o estatuto histórico e legal das terras indígenas Pataxó no Extremo Sul da Bahia*. Salvador, janeiro de 1992.

SOARES Zilda Matos. *Luta e Resistência na aldeia de Coroa Vermelha: a história de Sr. Itambé e Dona Mirinha*, Monografia de graduação. UFMG, Belo Horizonte, maio de 2016.

SOUZA, Arissana. *Arte e Identidade: Adornos Corporais Pataxó*. Dissertação de mestrado, UFBA, Salvador, 2012.

SOUZA, Fabiano José Alves. *Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: Descortinando o movimento das puxadas de ramas*, Tese de doutorado, UFSCAR, São Carlos, 2015.